REDES SOCIAIS, MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE INFORMAÇÕES: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação

SOCIAL NETWORKS, MEDIATION AND DATA PROPERTY: assigning fields, objects and concepts in Information Science research

Regina Maria MARTELETO
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
e-mail: rmarteleto@icict.fiocruz.br

Resumo
Informação e redes sociais são conceitos transversais que encontram abrigo de passagem em diferentes domínios de conhecimento, mídias, campos sociais ou comunidades profissionais. O intercâmbio, o fluxo, o uso e a apropriação de informações dependem, por sua vez, da capacidade de indivíduos, grupos e organizações de se associarem para o aprendizado, o compartilhamento, a mobilização e a ação coletiva em redes sociais. Este artigo pretende, primeiramente, delinear os arcabouços teóricos e metodológicos do conceito de redes sociais para em seguida, e sem pretensão de exaustão, recuperar os caminhos dos estudos das redes sociais associados aos fenômenos da informação no Brasil, demarcando temas, objetos e conceitos. Por fim, ressalta-se o valor do emprego da teoria e da metodologia de redes sociais, de maneira a configurar "zonas de mediações" nos processos de produção, comunicação e apropriação de informações em espaços concretos ou virtuais.
Palavras-chave
Redes sociais. Mediação e apropriação de informações. Campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação.

Abstract
Information and social networks are transversal concepts that may be found in different domains of knowledge, media, social fields or professional communities. Information exchange, flow, use and property depend, on one hand, on the capability of individuals, groups and organizations to be gathered in order to learn, share and mobilize themselves towards collective action in social networks. This papers aims firstly to outline theoretical and methodological frameworks of social networks concept to secondly, not exaustively, rescue the path of social neworks papers related to information studies in Brazil, outlining themes, objects and concepts. Finally, the use of theory and methodology of social networks will be highlighted in order to depict " mediation zones" in the processes of production, communication and information property in concrete or virtual spaces.
Key words
Social networks. Mediation and data property. Fields, objects and concepts in Information Science research.

1 INTRODUÇÃO

Redes sociais é um conceito onipresente nos dias de hoje e ocupa espaço crescente no discurso acadêmico, nas mídias, nas organizações ou no senso comum. Seja ele um operador conceitual ou uma metáfora, parece, em princípio, servir a dois fins. Primeiro, configurar o espaço comunicacional tal qual representado e / ou experienciado no mundo globalizado e interconectado no qual se produzem formas diferenciadas de ações coletivas, de expressão de identidades, conhecimentos, informações e culturas. Segundo, indicar mudanças e permanências nos modos de comunicação e transferência de informações, nas formas de sociabilidade, aprendizagem, autorias, escritas e acesso aos patrimônios culturais e de saberes das sociedades mundializadas.

É relevante perguntar sobre a origem do sucesso do conceito de redes sociais na Ciência da Informação (CI) e de sua utilidade e interesse científico nas pesquisas desse campo. Seguindo esse interesse, o encaminhamento do artigo é o de reunir elementos para, no lugar de preencher a expressão – redes sociais – e assim alcançar seu conceito, percorrer os terrenos teóricos e metodológicos de construção para vislumbrar sua operacionalidade nos estudos das práticas e dos processos de informação. Primeiramente, relembra-se o nascedouro e a vigência do conceito e da análise de redes sociais (ARS), a variedade e a amplitude dos terrenos de aplicação, para, em seguida, considerar as redes sociais na Internet e as novas questões e os ângulos de análise que se apresentam com as mediações técnicas. Sem objetivo de exaustão, busca-se configurar os caminhos dos estudos de redes sociais na CI no Brasil: temas, objetos e áreas de aplicação.

Em seguida e por fim, recorre-se à idéia de "zonas de mediações" para configurar os múltiplos espaços de trocas simbólicas que a perspectiva conceitual e metodológica das redes sociais permitiria aprofundar a fim de se ampliarem as leituras do amplo e complexo espectro das questões informacionais no mundo globalizado economicamente e mundializado culturalmente. E, obviamente, contribuir para o fortalecimento das pesquisas brasileiras nesse campo investigativo.

2 CONCEITO DE REDES SOCIAIS

Nas Ciências Sociais, o termo rede, no singular ou no plural, associa-se ao adjetivo "social" para especificar o campo, mas sem delimitar uma disciplina específica, uma vez que é empregado pela Antropologia, Sociologia, Economia, Ciências Políticas, Ciência(s) da Informação, Ciências da Comunicação, entre outras. Em linhas gerais, os estudos de redes sociais permitiram a construção de uma compreensão inovadora da sociedade, que ultrapassa os princípios tradicionais, nos quais o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhes correspondem. De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização.

A vasta e dispersa literatura internacional sobre redes sociais em geral atribui ao antropólogo A. Barnes a criação do conceito para estudar e descrever uma questão metodológica fundamental dos estudos desse campo, que é o da extensão e não finitude das redes sociais. Ao realizar uma etnografia sobre os princípios de estratificação social numa ilha norueguesa, esse antropólogo desenvolveu uma hipótese, segundo a qual todos seus

habitantes estariam interligados uns aos outros por cadeias de interconhecimentos mais ou menos extensas que não se limitam aos limites da ilha, mas ligam seus habitantes a outros sujeitos fora de seu espaço social e geográfico de pertencimento. (BARNES, A., 1954).

Outro marco fundador do conceito de redes sociais refere-se à pesquisa realizada, em 1957, pela antropóloga E. Bott (1957), sobre o elo entre as relações conjugais e as redes de referência do casal. À época, o estudo evidenciou que a lógica de compartilhamento e divisão de tarefas entre casais é influenciada pelo pertencimento a redes sociais e, sobretudo, pelas características de tais redes. Os casais caracterizados por forte divisão de tarefas e de papéis familiares pertenciam a redes sociais de estrutura densa (familiares, de vizinhança). Essa divisão de papéis é menos acentuada em casais pertencentes a redes com menor densidade, como colegas de trabalho, de associações, etc.

J. C. Mitchell (1969) é mais um antropólogo da escola estruturalista inglesa que faz parte dos marcos fundadores do conceito de redes sociais. Em 1969, ao dirigir pesquisas de grupos de antropólogos na África Central, elaborou a hipótese de que a rede social e seus elos podem ser empregados para compreender e analisar o comportamento dos indivíduos que fazem parte de uma mesma rede.

Os achados desses fundadores demarcam, anos depois, juntamente com pesquisadores da Sociologia norte-americana orientados pelos estudos empíricos da sociometria, o campo de estudos da análise de redes sociais (ARS), tópico a ser explorado a seguir. Esses estudos estabelecem os três princípios gerais para o estudo das redes sociais:

(a) Sua extensão e não finitude em relação ao espaço local.

(b) Compreensão das redes densas, advindas das relações de proximidade (familiares e de vizinhança) e das redes ampliadas (relações de trabalho, associativas e participativas).

(c) O entendimento de que, por meio da configuração das redes sociais e dos elos entre os atores, é possível analisar o comportamento individual e coletivo de seus membros.

O traço comum desses trabalhos é a ênfase nas relações sociais para estudar fenômenos sociais, culturais, econômicos ou políticos, o que constitui preocupação clássica e perene nas Ciências Sociais.

3 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS): CONTEXTOS E PARÂMETROS

Em geral, os manuais e os artigos de revisão que tratam dos princípios e das metodologias da análise de redes sociais enumeram significativa quantidade de conceitos e de aplicações desse domínio de estudos, caracterizando sua dispersão e vocação empírica. Trata-se de um campo que busca, ainda, assentar suas bases teóricas e conceituais.

Algumas revisões da literatura são representativas dos diferentes momentos e princípios da ARS [(1)]. Uma das mais recentes foi produzida por L.C. Freemann com o objetivo de realizar um mapeamento das redes acadêmicas que se formaram entre os pesquisadores ao longo dos estudos das redes sociais. O autor considera que a abordagem das redes sociais é fundamentada na noção intuitiva de que a padronização dos laços e dos elos sociais nos quais os atores se encontram imersos tem importantes conseqüências para esses atores. Os analistas

de redes procuram então descobrir vários tipos de padrões e determinar as condições sob as quais esses padrões emergem, assim como as suas conseqüências. Esses estudos, dispersos em várias disciplinas e domínios do conhecimento, começam a integrar um paradigma de pesquisa para definir o campo da Ars da seguinte forma:

1. A ARS é referenciada por uma perspectiva estrutural baseada em laços interligando atores sociais.

2. A ARS está fundamentada em dados empíricos sistematizados.

3. As redes são configuradas por representações gráficas.

4. O estudo das redes depende do emprego de modelos matemáticos e / ou computacionais.

Nessa perspectiva de sistematização de uma base empírica acumulada durante décadas de existência da análise de rede sociais, o domínio busca sintonizar-se com as teorias das estruturas das interações sociais recuperadas em clássicos da Sociologia, como George Simmel, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, e outros; ou dos fundadores e renovadores da Antropologia Estrutural, como A. R. Radcliffe-Brown e C. Lévi-Strauss.

Com o intento de realizar um mapeamento dos circuitos teóricos e metodológicos percorridos pela análise de redes sociais, Mercklé (2004) observa que o conceito mantém longa trajetória na Antropologia, Sociologia e Psicologia e acentua sua base metodológica quantitativa, originária da teoria de grafos. Conceitos clássicos e tradicionais das Ciências Sociais, como sociabilidade, capital social, poder, autonomia e coesão social forneceriam os referenciais básicos para a compreensão da estrutura e do funcionamento das redes, conjugados com as medidas e com os conceitos próprios da análise de redes sociais. Dentre eles: densidade e conexividade, redes completas e redes pessoais, e redes densas e abertas.

Questionamento recorrente nos manuais e nas revisões de ARS é se a análise de redes constitui novo paradigma sociológico ou é apenas uma “caixa de ferramentas metodológicas”. Após considerar seus trajetos, princípios e fundamentos, para Mercklé (2004, p. 93), a análise de redes não é simplesmente uma técnica visando, essencialmente, à descrição das estruturas sociais ou uma espécie de “sociografia” do mundo social, uma vez que “Ela parte, com efeito, de um postulado clássico, o da dimensão coercitiva dos fenômenos sociais, que define a abordagem sociológica desde Durkheim”. Para tanto, os estudos que utilizam análise de redes sociais colocam o foco central nas relações sociais, e não nos atributos dos grupos ou indivíduos.

4 A DIVERSIDADE DAS REDES SOCIAIS

Na literatura das Ciências Sociais se identificam, geralmente, dois planos das redes sociais:

1. As redes primárias, relativas às interações cotidianas entre as pessoas (familiaridade, parentesco, vizinhança, amizade, etc.) no processo de socialização. Trata-se de processos autônomos, espontâneos e informais.

2. As redes secundárias, formadas pela atuação coletiva de grupos, organizações e movimentos que defendem interesses comuns e partilham conhecimentos, informações e experiências orientados para determinados fins.

Aguiar (2002) aponta uma mudança paradigmática na teorização sobre as redes sociais, a qual coincide com alguns movimentos na realidade concreta e no avanço da ciência que parecem convergir. Primeiro, a emergência de redes de articulação de movimentos e organizações da sociedade civil, em âmbito nacional e internacional, a partir de meados da década de 80, as quais ganham visibilidade, sobretudo, na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), ocorrida no Rio de Janeiro, em 1992, e mais conhecida pela denominação ECO-92. Segundo, a transição da rede mundial de computadores (Internet) de acadêmica para comercial, a qual se espalha em todo o mundo com a adoção da interface gráfica. Terceiro, a introdução do referencial da complexidade como contraponto aos pensamentos positivistas, funcionalistas e estruturalistas. Quarto, a formulação de uma teoria crítica sobre o papel da cultura no processo de construção do conhecimento.

Stotz (2009), ao efetivar busca livre em bases de dados da área de saúde com as expressões – redes sociais e saúde – constata ser possível estudar redes sociais na saúde como:

- Apoio social – estudos sobre monitoramento de tratamento, controle de doenças, nutrição, envelhecimento, prevenção de riscos, como gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

- Solidariedade – estudos sobre a ação de soropositivos do HIV / Aids.

- Focalização de políticas sociais – Programa Saúde da Família.

- Gestão de políticas e articulação de interesses – estudos sobre cidades saudáveis e políticas de combate à pobreza.

- Compromisso social (estudos sobre ação de adolescentes).

Scherer-Warren e Ferreira (2002) afirmam que os estudos das ações coletivas na perspectiva das redes ora as tratam como elemento ou forma de estruturação da sociedade da informação, ora como metodologia adequada para investigar ações na sociedade complexa. Ou, ainda, como forma de relações e de articulações dos movimentos sociais no mundo globalizado, as quais demandam novas formas de entendimento pelas pesquisas.

Nos dias atuais, é comum associar a expressão – redes sociais – aos encontros e aos espaços virtuais de interação, relacionamento e colaborações na Internet. O uso do termo se faz de maneira tão alusiva e esquemática ao ponto de se deixar de lado, muitas vezes, seu trânsito histórico e epistemológico, tanto quanto seu alcance conceitual e metodológico para estudar fenômenos sociais de interações e trocas nas sociedades complexas.

A este respeito, Cardon (2008, p. 8-9), organizador de um fascículo da revista *Réseaux – Communication – Technologie – Société* sobre a temática *Réseaux Sociaux de l'Internet* (Redes sociais da Internet), lembra que, a despeito dos "efeitos de moda" e da incessante proliferação de novos serviços, a emergência da *web* 2.0 oferece espaço de interrogação original para as Ciências Sociais. Isto se dá em perspectiva interdisciplinar, no que tange às práticas relacionais e às novas metodologias e articulações disciplinares necessárias e renovadas para o estudo

desses espaços interativos. Nos espaços da Internet e nos circuitos de uma *web* 2.0,"[...] existem práticas massivas, multiformes e surpreendentes que reavivam formas antigas de sociabilidade, comunicação e informação, ao mesmo tempo em que desenham novos formatos de trocas e interações".

De acordo com Haythornthwaite (2009), na análise dos processos de informação e comunicação em redes sociais colaborativas e interativas, é útil considerar, dos pontos de vista teórico, prático e metodológico, tanto as dimensões presenciais (clássicas) quanto as dimensões virtuais. Dentre as diferentes concepções históricas e políticas das redes sociais e suas aplicações práticas, destaca-se, como princípio geral, seu entendimento como espaços de troca coletiva e, portanto, qualificadores de informação e experiências.

5 REDES SOCIAIS, INTERNET E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A Internet, chamada "rede das redes", caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade. Portanto, atua como suporte de atividades cooperativas em escala mundial, organizadas no âmbito de comunidades massivamente interativas como a *Wikipedia*, os coletivos de desenvolvedores de *softwares* livres, os *blogs*, os jogadores em rede ou as plataformas relacionais, como *Facebook*, *MySpace*, etc. (CARDON, 2008).

A fim de situar e aprofundar os conceitos de sociedade da informação e outros que lhe estão associados, com vistas ao processo preparatório da segunda fase da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, realizada em Tunis, em 2005, a *Commission Française pour l'Unesco* publicou um glossário de termos. Isto ocorre a partir de uma concepção global da sociedade da informação, de modo a abarcar os diferentes aspectos éticos, educativos e culturais da problemática. Por exemplo, a liberdade de expressão, da vida privada e, de forma mais abrangente, direitos humanos, diversidade cultural e lingüística, educação para todos e formação para a apropriação da informação. (COMMISSION FRANÇAISE POUR L'UNESCO, 2005).

Este documento [(2)] reúne termos cujas definições são desenvolvidas por pesquisadores do campo da CI e das Ciências da Comunicação, das Engenharias e das Ciências Sociais e Humanas. Dentre os 30 termos considerados, incluem-se informação e redes, importantes de serem definidos no âmbito de uma terminologia reflexiva sobre a sociedade da informação.

Em relação à "rede", Laulan (2005, p. 123) observa que se trata de uma representação de mundo que permeia o imaginário humano desde a Antigüidade e registra a ambigüidade do termo: "[...] elo que liga [o humano] ao resto do mundo, certamente, mas também fio ou corda que trava toda autonomia". No sentido moderno, "rede" designa um tempo-espaço fortemente enraizado num território, definido por dispositivos de controle e de vigilância pelo Estado para assegurar uma transição pacífica entre as exigências do sistema industrial e as aspirações do sistema social. Na sociedade da informação, de forma diferente,

> [...] os elos sociais naturalmente tecidos pelas culturas e pelas estruturas urbanas e nacionais (construídas pelo Estado de direito) parecem ser **secundárias** em relação aos equipamentos tecnológicos [...] propostos pela indústria. (LAULAN, 2005, p. 124, grifos do autor).

Cornu (2005, p. 121-123) observa que as tecnologias de informação e de comunicação (TIC) produziram uma rede extremamente complexa, a *Word Wide Web* (www). Antes de tudo, é "[...] uma rede de documentos multimídia, e por conseqüência uma rede de informações". Há três planos básicos de redes existentes nos dias de hoje: a rede tecnológica (mecanismos e ferramentas de informática); a rede semântica (relações, elos, estratégias, etc.); a rede humana (interações entre pessoas) as quais influenciam os procedimentos intelectuais e as relações sociais.

Do ponto de vista terminológico, para Vecchi (2005, p. 90-91), a informação é definida como "[...] um tipo de dado que leva ao receptor um conteúdo novo, na medida em que ela é compreendida e aceita graças a uma linguagem, qualquer que seja ela". No entanto, ao rever as noções formuladas pelos clássicos que se dedicaram a lidar com os fenômenos e com os conceitos que levaram à formulação da noção de informação nas ciências da informação (Larousse, 1817-1875; Dewey, 1815-1931; Otlet, 1868-1944; Meyriat, 1921-), Jeanneret (2005, p. 87) assinala que o ponto de partida desses pensadores foi o de "[...] dissociar a informação, construção social e intelectual, em relação ao conjunto dos objetos materiais que, circulando, condicionam a informação, sem defini-la". Em sua visão, remetendo ao pensamento dos fundadores das ciências da informação, a informação não circula, uma vez que não é um objeto, mas se redefine sem cessar, porque se constitui em relação e em ação:

> Abordada dessa maneira, a informação não é uma pura função técnica: é um gesto social que outorga, segundo as épocas e os contextos, um poder de fato a uns ou a outros. A Cúpula mundial sobre a sociedade da informação é um episódio dessa história. (JEANNERET, 2005, p. 88).

Face às mutações, permanências e remetimentos que as noções de rede e de informação colocam na arena de discussões da sociedade da informação, é relevante observar que tanto uma quanto a outra são noções transversais. Portanto, são complexas, uma vez que integram os dispositivos técnicos, as representações humanas e sociais, as escolhas políticas e a hegemonia econômica e científica dos espaços e tempos mundializados.

6 INFORMAÇÃO E REDES SOCIAIS: ESTUDOS NO BRASIL

Os estudos sobre redes sociais na CI surgem, no Brasil, a partir do final dos anos 90, associados, como em outros domínios de conhecimento, aos processos advindos da globalização econômica e da mundialização cultural no contexto da ampliação da comunicação e dos fluxos informacionais mediados pelas novas tecnologias. Esse quadro tanto inspira as temáticas e questões abordadas, quanto favorece a produção de ferramentas metodológicas mais sofisticadas para o estudo das redes sociais. O alcance científico e a aplicabilidade metodológica desses trabalhos ainda carecem de sistematização, embora se possa afirmar, de maneira preliminar, que, no País, são ainda raros e esparsos, sem formar uma massa crítica epistemológica sobre o emprego do conceito e de suas ferramentas metodológicas no estudo das redes sociais de informação e conceitos correlatos.

6.1 PRIMEIRAS DEMARCAÇÕES

Aguiar (2007) realizou levantamento para perceber a trajetória, as tendências e as lacunas de pesquisas sobre redes sociais no Brasil, entre 1996 e 2006, a partir da literatura acadêmica produzida por pesquisadores doutores com currículos disponíveis na Plataforma

Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O levantamento bibliográfico abrangeu 10 disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, inclusive a Ciência da Informação, atestando o interesse acadêmico maior pelo tema, desde 2000, associado à expansão do uso da Internet, além de realçar o caráter multidisciplinar dos estudos das redes sociais.

Isto porque, certas temáticas atravessam diferentes domínios acadêmicos e outras encontram acolhida preferencial em determinadas disciplinas. Por exemplo, a sociabilidade tem interesse para Antropologia, Sociologia e Psicologia. As relações entre Estado e movimentos sociais com mediação das organizações não governamentais (ONG), as questões de políticas públicas e a governança despertam o interesse da ciência política e da Economia, enquanto na Administração predominam os estudos sobre redes organizacionais e interorganizacionais, redes de cooperação entre pequenas e médias empresas, além dos arranjos produtivos locais (APL). Na Comunicação Social e na Ciência da Informação, de acordo com os resultados do levantamento, predominam os estudos sobre as relações interpessoais e as ações colaborativas na produção do conhecimento na Internet, as redes de conhecimento, as redes cognitivas, as comunidades de práticas, para o estudo dos processos de produção, organização, apropriação, gestão e uso do conhecimento.

Uma busca livre realizada no Google Acadêmico (http://scholar.google.com.br/ scholar?q=informa%C3%A7%C3%A3o+%2B+redes+sociais&hl=pt-BR&btnG=Pesqui sasr&lr=), em maio de 2010, com os termos informação e redes sociais, apresenta em destaque dois artigos de autores brasileiros com maior índice de citações. O primeiro pertence à CI e o segundo ao campo da saúde. O trabalho na área de Ciência da Informação, *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*, com 156 citações, Regina Marteleto (2001) trata da temática da construção de redes sociais com foco no conhecimento e na apropriação de informações em movimentos sociais e comunitários orientados por questões de saúde. Em *Redes sociais e difusão da Aids no Brasil*, C. BARCELLOS e F. I. BASTOS (1996), com 81 citações, analisam a difusão da Aids com base na interação social ampliada, principalmente, nos grandes centros urbanos. Em seguida e levando em conta apenas as 10 primeiras referências posteriores, observam-se oito trabalhos oriundos das Ciências Sociais, além de dois trabalhos no campo da saúde, assim distribuídos:

- Ciência da Informação – dois
- Sociologia – dois
- Ciências Políticas – dois
- Saúde – dois
- Administração – um
- Demografia – um

Os trabalhos, publicados entre 1999 e 2006, referem-se a seis diferentes disciplinas, o que demonstra a multidisciplinaridade e a recenticidade da temática das redes sociais associadas diretamente ou indiretamente às questões de informação, além da presença da CI com três trabalhos, um deles figurando como o mais citado. Quanto às temáticas dos trabalhos, em geral, referem-se às problemáticas associadas aos procedimentos de organização e de participação da sociedade civil em esfera nacional e internacional; à relação entre Estado, sociedade e políticas públicas; aos processos participativos, comunitários e de planejamento na saúde.

6.2 REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O breve panorama enunciado a respeito da produção acadêmica das Ciências Sociais e Humanas sobre informação e redes sociais já permite perceber a presença de estudos produzidos na CI desde o final da década de 90. Com o fim de ampliar essa visão, realizou-se busca nas revistas de Ciência da Informação classificadas nas categorias A e B na lista Qualis [(3)] da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), empregando-se os mesmos termos – informação e redes sociais – no *link* pesquisa da edição eletrônica dos periódicos, sem restrição de data.

Quanto ao recorte temático, efetivou-se depuração pelos títulos e resumos e, também, pelas palavras-chave, eliminando-se alguns artigos que não focavam de forma conceitual ou metodológica o conceito de redes sociais associado à concepção de informação. Foi o caso, por exemplo, de artigos sobre ciberespaço e temas correlatos que empregam, mas não definem a expressão redes sociais. O **Quadro 1** dispõe os 11 títulos de periódicos considerados com a respectiva distribuição de número de artigos. A lista completa dos títulos com seus artigos e com as respectivas datas de publicação consta ao final, como apêndice.

O total de artigos e o período em que foram publicados atestam o interesse crescente pela temática das redes sociais e informação, a partir dos anos 2000. Comprova-se maior concentração de trabalhos na revista *Informação & Informação*, que, em 2007, editou o número temático especial *Teoria e metodologia de redes sociais no estudo da informação*. Em segundo lugar, está a publicação *Ciência da Informação*, onde estão os primeiros artigos sobre o tema, no início dos anos 2000. Os demais títulos publicaram um número maior ou menor de artigos, associado ao perfil e ao tempo de existência do veículo.

TÍTULO	NÚMERO DE ARTIGOS
Brazilian Journal of Information Science	1
Ciência da Informação	6
Datagramazero	4
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
Informação & Informação	9
Informação & Sociedade: Estudos	3
Perspectivas em Ciência da Informação	5
Transinformação	2
Liinc em Revista	4
Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS	1
Revista Eletrônica de Informação, Inovação e Comunicação em Saúde	2
TOTAL	**41**

Quadro 1 – Periódicos de Ciência da informação: artigos relacionados pelos descritores – informação e redes sociais, 2001 a 2009

A classificação dos artigos por título, resumo e palavras-chave permite chegar a uma estratificação temática representada no **Quadro 2**.

TEMÁTICA	NÚMERO DE ARTIGOS
Redes científicas, colaboração, co-autoria	11
Desenvolvimento socioeconômico, inovação	7
Informação, mobilização, movimentos sociais, ações sociopolíticas	6
Folksonomias, thesaurus, ontologias, hipertextos	5
Metodologia de ARS	3
Teoria e fundamentos de redes e redes sociais	3
Estudos de organizações	3
Interação e contatos na *Web*	3
TOTAL	**41**

Quadro 2 – Periódicos de Ciência da informação: artigos e temáticas associados aos descritores – informação e redes sociais, 2001 a 2009

Observa-se que os estudos de redes sociais no campo da informação iniciam com a temática da organização da sociedade civil e dos movimentos sociais para ações sociopolíticas. O intuito desses estudos, que perduraram ao longo da última década dos anos 2000, é analisar a centralidade do conhecimento e dos processos de apropriação de informações para a mobilização e a participação social [(4)]. No entanto, em meados dessa mesma década, dois focos de pesquisa passam a se manifestar de forma expressiva: (a) os estudos associando a cientometria ao conceito de redes sociais para analisar as redes de pesquisadores e de colaboração na ciência, em sua maior parte empregando a análise de co-autorias; (**b**) as pesquisas dedicadas ao desenvolvimento socioeconômico local e à inovação, com ênfase nos arranjos produtivos locais e às redes sociais de empresas e atores políticos, sociais e econômicos.

Em anos mais recentes, destaca-se a presença de estudos sobre as formas textuais e de linguagens na etiquetagem e no arranjo das informações na *web*, como as folksonomias, ontologias e hipertextos. Estes parecem constituir campo promissor para as pesquisas em CI estabelecerem maior criatividade e versatilidade conceitual e metodológica em torno das novas modalidades de enredamento para a produção, expressão e apropriação de informações no ambiente virtual. Não menos importantes parecem ser as reflexões que se dedicam a rever e atualizar o alcance teórico das redes sociais, tanto no plano conceitual como metafórico, para o estudo das questões de informação em suas manifestações virtuais e / ou presenciais. Também são relevantes investigações que adotam a metodologia de ARS para a análise de posições e interações entre os atores no contexto das redes sociais e as múltiplas mediações que se produzem nos processos de produção, circulação e apropriação de informações.

No recorte observado, identifica-se, embora em menor escala, o emprego do conceito de redes sociais para estudar os processos informacionais nas organizações e as redes sociais na Internet. Registra-se, em relação aos trabalhos sobre organização e funcionamento de redes sociais nos ambientes virtuais, o emprego (ainda) pouco investido dos contributos teóricos e metodológicos do conceito de redes sociais e de seus contextos epistemológicos de formulação e de estudo.

A literatura de redes sociais publicada sob o formato de livro no campo da CI é mais esparsa se comparada aos periódicos, reafirmando a recenticidade científica alcançada no emprego do conceito e das metodologias correspondentes. No entanto, esta constatação indica

vias promissoras de sua aplicação nos estudos da informação e suas múltiplas configurações nas práticas e nas relações sociais e organizacionais.

Na coletânea *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*, organizada por Valentim, o capítulo intitulado *A metodologia de análise de redes sociais* (ARS) (MARTELETO; TOMAÉL, 2005) aborda os fundamentos gerais e as principais unidades de análise desse método, além de mostrar caminhos para realizar a triangulação de questões de informação – comunicação – conhecimento fundamentada no conceito e na metodologia de análise de redes sociais. As autoras acentuam a tendência das pesquisas em Ciências Sociais de combinação de métodos quantitativos e qualitativos, assim como das abordagens micro e macro dos fenômenos sociais.

Em perspectiva interdisciplinar, Marteleto e Stotz (2009) organizam a coletânea *Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré*, fruto de pesquisas compartilhadas entre pesquisadores da ciência da informação e da saúde. O foco é a apropriação e a construção compartilhada de saberes sobre as condições de vida, saúde e adoecimento da população estudada. O conceito de redes sociais permite o entendimento do caráter pluridimensional dos elos comunitários, desde o social e o cognitivo até o plano da produção de sentidos para a ação social.

Población e Mugnaini e Ramos (2009) são responsáveis pela organização da coletânea *Redes sociais e colaborativas em informação científica*, resultado de parceria entre pesquisadores de diferentes programas de pós-graduação em CI e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME). A obra versa sobre os aspectos conceituais de redes sociais e de redes colaborativas, e apresenta estudos de casos das áreas de Saúde e Ciências Humanas, de modo a permitir mapear as redes socioacadêmicas e o trabalho compartilhado na produção da ciência, na comunicação científica entre os pares e entre estes e a sociedade.

A investigação da literatura cinzenta em CI – dissertações, teses, relatórios, etc. – não integra o *corpus* deste artigo, mas, certamente, complementaria a visão sobre possíveis explorações teóricas e aplicações metodológicas das redes sociais e informação. Neste sentido, justifica-se citar a tese pioneira na aplicação do conceito de redes sociais em CI, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do IBICT / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em *A teia invisível: informação e contra-informação nas redes de ONGs e movimentos sociais*, Lopes (1996) discute estratégias e possibilidades de informação e contra-informação nas redes de ONG e movimentos sociais. Seu pressuposto é a existência de padrões desiguais de difusão de saberes que excluem amplas parcelas da população mundial, deixando o controle dos processos comunicativos nas mãos de elites políticas, econômicas e intelectuais. Neste contexto, alguns detentores de conhecimento especializado têm colocado sua competência técnica a serviço dos movimentos sociais e da emancipação de setores dominados ou subalternos, constituindo colégios invisíveis de "contra-especialistas", com o objetivo de produzir novos consensos em torno de questões que afetam a vida cotidiana de comunidades locais e o futuro da chamada sociedade planetária.

No número especial da revista *Informação & Informação*, de 2007, dedicado ao tema (anteriormente citado), levantamento sobre dissertações e teses capturou 12 títulos. Dentre eles, a tese de doutorado de M. I. Tomaél voltada à exploração e ao aprofundamento metodológico da ARS com o intuito de analisar o compartilhamento de informação e de conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro, o que consiste em esforço metodológico inovador e ainda pouco investido no campo da CI.

De maneira complementar, os eventos sobre a temática seriam outros indicadores de relevo para dimensionar o potencial desses estudos na CI. Em 2009, no âmbito dos Seminários de Pesquisa em Ciência da Informação, promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT / UFRJ, Gilda Olinto, pesquisadora do referido PPGCI, organizou seminário sob a denominação *Redes sociais on-line e off-line: estudos e aplicações em aprendizagem, conhecimento e empreendedorismo*. Com a pesquisadora convidada Caroline Alison Haythorntwaite, da *Graduate School of Library and Information Science*, *University of Illinois at Urbana-Champaign* e participação de pesquisadores brasileiros estudiosos dessas questões, o evento incluiu quatro sessões de exposições e debates. As apresentações de Haythorntwaite estão disponíveis em seu *site* http://haythorn.wordpress.com/recent-activities.

O mapeamento dos percursos temáticos, teóricos e metodológicos das redes sociais percorridos pelas pesquisas brasileiras em CI parece destacar algumas vias principais de sua aplicação:

(a) Nas redes de organização e mobilização da sociedade para a participação dos atores sociais, em perspectiva interdisciplinar com as Ciências Sociais.

(b) Nas redes socioacadêmicas e de ações colaborativas, aproximando os construtos das redes sociais aos instrumentos da cientometria.

(c) Nas redes sociotécnicas e de inovação para o desenvolvimento local, reunindo uma economia e geopolítica da informação aos estudos sociológicos das redes de informação.

(d) Nas redes sociais na Internet, observando-se mudanças e permanências nas formas de sociabilidade, interação, aprendizagem e trocas comunicacionais e informacionais.

As lacunas observadas nos estudos da CI, no Brasil, em geral, referem-se ao pouco aprofundamento e à não contextualização do conceito de redes sociais no campo epistemológico das Ciências Sociais, somados ao investimento ainda parcial em relação às possibilidades da própria metodologia de análise de redes sociais no estudo das redes de informação. Redes sociais, além de constituírem um conceito, representam metáfora poderosa para configurar e representar fenômenos de enredamento em diferentes planos da realidade, desde o biológico e o físico até o existencial e o social. Por outro lado, seu poder analítico e interpretativo se amplia com o emprego devidamente apropriado dos recursos teóricos e metodológicos das Ciências Sociais.

7 CONCLUINDO: REDES SOCIAIS, INFORMAÇÃO E "ZONAS DE MEDIAÇÕES"

As atividades de informação e comunicação – entendidas como a criação de quadros práticos nos quais os sujeitos desenvolvem trocas significantes – mantêm papel estruturante e não acessório (ornamental, suplementar, marginal) na definição da cultura e dos fenômenos sociais. De acordo com Jeanneret (2001, 2008), não se deve entender a comunicação segundo um modelo normativo e redutor – de transferência de informações – onde as informações percorrem intocáveis um canal de transmissão. E nem, por outro lado, de forma menos redutora, mas ainda insuficiente, como processo que se limita à troca de significados

intencionalmente definidos. O ato de comunicação supõe uma técnica e mobiliza certas intencionalidades. Porém, cria um espaço mais rico do que uma simples transmissão daquilo que preexiste como representação, intenção, posição e relação com o mundo, ainda de acordo com esse autor.

Neste sentido, Davallon (2004) identifica nas práticas de informação e comunicação um espaço ou um "terceiro simbolizante", onde as mediações designam tanto as operações de tecnicização (mediação técnica) quanto e ao mesmo tempo de intervenção da dimensão subjetiva das trocas e interações (mediação social). Vecchi (2005), ao tratar da complementaridade dos processos de informação e comunicação, ressalta que se a informação corresponde ao aporte de um conteúdo novo por um emissor, os dados informacionais considerados por um receptor, uma vez reconhecidos e compreendidos, provocam, em retorno, a emissão de novos dados nas mesmas condições e mediações mobilizadas no processo de compreensão. Assim realizado, pode-se chamar este processo de comunicação, porque as partes interessadas possuem entre si uma "zona de intercâmbio", em que a comunicação se produz.

O conceito de redes sociais, por seu turno, ao ressaltar as interações e as relações sociais, leva a que se pense num terceiro elemento nesses processos, quando se analisa que as posições e os papéis dos atores nas redes sociais não são estanques, mas, sim, interdependentes em relação a outros atores e suas posições. Logo, não basta considerar a díade (relação entre dois elementos) como unidade básica das redes sociais, o que resultaria em observar relações quase redundantes. Da mesma forma, existe complementaridade entre as redes sociais densas (de proximidade geográfica, familiar, vizinhança, etc.) e as redes sociais ampliadas (de trabalho, associativas, de mobilização, gosto, afinidades). Aliás, estas últimas são, cada vez mais, favorecidas pelas TIC, ao ampliarem o espectro da cultura e do mundo vivido territorialmente pelos sujeitos sociais.

No que tange ao interesse próprio da CI, é relevante observar um terceiro elemento, constituído por "zonas de mediações", nas quais, de acordo com Marteleto (2000, 2006), se configuram as seguintes dimensões essenciais:

(a) A dimensão propriamente social e comunicacional, que permite traçar os elos, as interações e as motivações dos atores em função do convívio (concreto ou virtual) e dos interesses e dos objetivos compartilhados.

(b) A dimensão lingüística e discursiva, na qual se observam os diferentes recursos cognitivos e informacionais que os atores acionam no compartilhamento de questões e em suas soluções.

(c) A dimensão de produção de sentidos, que se visualiza quando os elementos interativos, comunicacionais, informacionais e cognitivos clareiam uma zona de encaminhamento das ações individuais e coletivas.

Finalmente, para realizar um investimento sustentado das questões da informação pelo ângulo das redes sociais, é relevante que as pesquisas realizadas em Ciência da Informação no Brasil atentem para o necessário aprofundamento teórico, metodológico e aplicativo. Também precisam levar em conta as possibilidades interdisciplinares e combinações metodológicas que as perguntas sobre informação e redes sociais demandam nos tempos de hoje e de sempre.

NOTAS

(1)

Dentre as diversas revisões e sistematizações de teorias, conceitos e métodos da análise de redes sociais (ARS) citam-se: ROGERS, E.; KINCAID, D. L. **Communication networks**: toward a new paradigm of research. New York: Free Press, 1981; SCOTT, J. **Social network analysis**: a handbook. 2nd ed. Newberry Park, CA: Sage, 2000; DEGENNE, A.; FORSE, M. **Les réseaux sociaux**. Paris: Armand Collin, 1994. CARRINGTON, P. J.; SCOTT, J.; WASSERMANN, S. (Ed.). **Models and methods in social network analysis**. Cambridge: Cambridge University, 2005.

Para uma história geral das correntes, pesquisadores e escolas do campo da ARS ver
FREEMAN, L. C. **The development of social network analysis**: a study in the sociology of science. Vancouver, BC: Empirical, 2004.

(2)

O glossário contou com a participação de 23 especialistas e pesquisadores. O verbete informação foi desdobrado em duas partes desenvolvidas por dois autores cada uma: Yves Jeanneret, professor do CELSA, *École des Hautes Études en Sciences de L'information et de la Communication*, *Université Paris Sorbonne – Paris IV* e Dardo de Vecchi, doutor em ciências da linguagem, professor da *Université Paris VII-EILA*.

O termo redes foi tratado por dois pesquisadores, também de maneira individual e complementar: Bernard Cornu, diretor do pólo *TICE – Technologies de l´Information et de la Communication* do *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP) e Anne-Marie Laulan, professora de sociologia na *Université Bordeaux III*.

(3)

As revistas, em geral, são editadas em formato eletrônico pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), desenvolvido pelo IBICT / MCT, com exceção da revista *Datagramazero*, para a qual foi utilizado o índice de autores e artigos. A revista *Ponto de Acesso* não foi incluída porque não foram encontradas ocorrências de artigos na busca efetuada.

(4)

Foi consultada a lista WebQualis da Área de Ciências Sociais Aplicadas 1, atualizada em fevereiro de 2010, no endereço http://qualis.capes.gov.br/webqualis, ago. 2010.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. L. Produção compartilhada e socialização do conhecimento em rede: uma abordagem exploratória. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO PPG EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2., 2002, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2002.

_____. **Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação**. Relatório final de pesquisa. Rio de Janeiro: Nupef / Rits, 2007. Disponível em: <http://www.nupef.org. br/pub_ redessociais.htm>. Acesso em: 8 maio 2010.

BARCELLOS, C.; BASTOS, F. I. Redes sociais e difusão da Aids no Brasil. **Boletim de la Oficina Sanitaria Panamericana**, Washington, v. 121, n. 1, p. 11-24, 1996.

BARNES, J. A. Class and committees in a Norwegian Island Parish. **Human Relations**, [S. l.], n. 7, p. 39-58, 1954.

BOTT, E. **Family and social network**. London: Tavistock, 1957.

CARDON, D. Présentation. **Réseaux – Communication – Technologie – Société**, Paris, v. 26, n. 152, p. 7-15, 2008. Edição especial: Réseaux Sociaux de l'Internet.

CARRINGTON, P. J.; SCOTT, J.; WASSERMANN, S. (Ed.). **Models and methods in social network analysis**. Cambridge: Cambridge University, 2005.

COMMISSION FRANÇAISE POUR l'UNESCO. **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005.

CORNU, B. Réseau(x). In: COMMISSION FRANÇAISE POUR l'UNESCO. **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 121-123.

DAVALLON, J. **La médiation**: la communication en procès. Médiation et Information (MEI), Paris, n.19, p. 37-59, 2004.

DEGENNE, A. ; FORSE, M. **Les réseaux sociaux**. Paris: Armand Collin, 1994.

FREEMAN, L. C. **The development of social network analysis**: a study in the sociology of science. Vancouver, BC: Empirical, 2004.

HAYTHORNTHWAITE, C. Social networks and information transfer. In: **ENCYCLOPEDIA OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCES**. 3rd. ed. London: Taylor & Francis, 2009.

INFORMAÇÃO & INFORMAÇÃO, Londrina, v. 12, 2007. Edição especial: Teoria e metodologia de redes sociais nos estudos da informação. (Organizado por Regina Maria Marteleto).

JEANNERET, Y. Information. In: COMMISSION FRANÇAISE POUR l'UNESCO. **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 87-89.

_____. **Penser la trivialité**: la vie triviale des êtres culturels. Paris: Hermès Science, Lavoisier, 2008, v.1.

LAULAN, A. M. Réseau(x). In: COMMISSION FRANÇAISE POUR l'UNESCO. **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 123-125.

LOPES, S. A. **A teia invisível**: informação e contra-informação nas redes de ONGs e movimentos sociais. 1996. f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1996.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan. / abr. 2001.

_____. Por uma outra epistemologia social: conhecimento e informação em redes sociais. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N., DIL ORRICO, E. G. **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal, RN: UFRN, 2006. p. 171-190.

_____. Redes e configurações de comunicação e informação: construindo um modelo interpretativo de análise para o estudo da questão do conhecimento na sociedade. **Investigación Bibliotecológica: archivonomia, Bibliotecología e información**, Madri, v. 14, n. 29, p. 69-94, 2000.

MARTELETO, R. M.; STOTZ, E. N. **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Fiocruz, Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MARTELETO, R. M.; TOMAÉL, M. I. A metodologia de análise de redes sociais. In: VALENTIM, M. L. P. **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo : Polis, 2005. p. 81-100.

MERCKLÉ, P. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2004.

MITCHELL, J. C. **Social networks in urban situations**: analyses of personal relationships in Central Africa towns. Manchester: Manchester University, 1969.

POBLACIÓN, D. A.; RAMOS, L. M. V. S. C.; MUGNAINI, R.; EPSTEIN, I. (Org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. v. 1.

RESEAUX – COMMUNICATION – TECHNOLOGIE – SOCIETE, Paris, v. 26, n. 152, 2008. Edição especial: Réseaux Sociaux de l'Internet. (Organizado por Dominique Cardon).

ROGERS, E.; KINCAID, D. L. **Communication networks**: toward a new paradigm of research. New York: Free Press, 1981.

SCHERER-WARREN, I., FERREIRA, J. M. C. (Org.). **Transformações sociais e dilemas da globalização**: um diálogo Brasil-Portugal. Lisboa: Celta, 2002.

SCOTT, J. **Social network analysis**: a handbook. 2nd ed. Newberry Park, CA: Sage, 2000.

STOTZ, E. N. Redes sociais e saúde. In: MARTELETO, R. M.; STOTZ, E. N. **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Fiocruz, Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 27-42.

TOMAÉL, M. I. **Rede de conhecimento**: o compartilhamento da informação e do conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005.

VECCHI, D. Information: un point de vue terminologique. In: COMMISSION FRANÇAISE POUR l'UNESCO. **La société de l'information**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005.p. 90-91.

APÊNDICE

Listagem dos periódicos brasileiros (artigos, datas e temáticas) de Ciência da informação: trabalhos relacionados pelos descritores – informação e redes sociais, 2001 a 2009

TÍTULO DO PERIÓDICO	ARTIGOS	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMÁTICA
Brazilian Journal of Information Science	*Scientific collaboration network in "metrical studies..."*	v. 2, n. 2, 2008	Redes científicas de colaboração e co-autoria.
Ciência da Informação	Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação.	v. 30, n. 1, 2001	Informação e saúde em nível local.
	Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local.	v. 33, n. 3, 2004	Informação e desenvolvimento socioeconômico local.
	A análise de redes de colaboração científica sob as novas TIC's: um estudo na PLattes.	v. 34, n.1, 2005	Redes científicas de colaboração e TIC.
	Das redes sociais à inovação.	v. 34, n. 2, 2005	Inovação e processos sociais.
	ARS como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na Ciência da Informação.	v. 35, n.1, 2006	Redes científicas de colaboração e co-autoria.
	Análisis de citación y redes sociales para el estudio de revistas en centros de investigación.	v. 38, n. 2, 2009	Análise de citação; revistas; coleções.
Datagramazero	As tecnoutopias do saber: redes interligando o conhecimento.	v. 6, n. 6, 2005	Redes de conhecimentos e hipertextos
	ARS como método para a Ciência da Informação.	v. 7, n. 2, 2006	Metodologia de ARS; estudos na Ciência da Informação.
	Redes de conhecimentos.	v. 9, n. 2, 2008	Compartilhamento.
	Rede de textos científicos na Ciência da Informação: análise cienciométrica da institucionalização de um campo científico.	v. 9, n. 3, 2008	Análise de citações; estudo do campo científico.
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	Redes sociais: posições dos atores nos fluxos da informação.	Ed. Especial, Ancib, 2006	Metodologia ARS.
	Estudo da rede de co-autoria e da interdisciplinaridade na produção científica com base na ARS.	Ed. especial, Ancib, 2006	Co-autoria na Ciência da Informação.
	Redes sociais em alimentos funcionais no Paraná: relato de pesquisa.	v. 12, n. 24, 2007	Cooperação e intercâmbio entre empresas.
	Fluxos informacionais para o monitoramento da Convenção dos Direitos da Criança: a atuação da Rede NGO.	v.15, n. 29, 2010	Redes de ONG.
Informação & Sociedade: Estudos	Uma ética da informação para pensar o Orkut: reflexões.	v. 18, n. 2, 2008	Redes sociais na Internet.
	Informação, ferramentas ontológicas e redes sociais *ad hoc*: a interoperabilidade.	v. 19, n. 1, 2009	Tesauros, ontologias.
	Redes sociais e intelectuais na área de pesquisa em administração da	v. 20, n. 1, 2010	Análise cientométrica.

	informação.		
Perspectivas em Ciência da Informação	Informações do ambiente externo em organizações das configurações em rede no campo da Ciência da Informação.	v. 7, n. 2, 2002	Informação e organização.
	Método da ARS de informação associadas a processos organizacionais.	v. 11, n. 2, 2006	Metodologia ARS e organizações.
	A contribuição da ARS na gestão da informação em organizações.	v. 11, n. 3, 2006	Gestão da informação em organizações.
	Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica.	v. 13, n. 2, 2008	Redes científicas, colaboração, co-autoria.
	Análise da coesão entre seções de textos de documentos extensos a partir da aplicação conjunta da ARS.	v. 14, n. 1, 2009	ARS e hipertexto.
Informação & Informação	Redes de informação: o ponto de contato de serviços e unidades de informação no Brasil.	v. 10, n. 0, 2005	Redes de bibliotecas
	Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito.	v. 12, n. 0, 2007	Fundamentos e teoria.
	Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas.	v. 12, n. 0, 2007	Ações sociopolíticas.
	Informação, redes e redes sociais: fundamentos e transversalidades.	v. 12, n. 0, 2007	Fundamentos e teoria.
	Redes sociais, conhecimento e inovação localizada.	v. 12, n. 0, 2007	Inovação e desenvolvimento local.
	Redes sociais e compartilhamento de informação e conhecimento em aglomerações produtivas.	v. 12, n. 0, 2007	Compartilhamento em aglomerações produtivas.
	Redes em Ciência da Informação: evidências comportamentais dos pesquisadores e tendências evolutivas das redes de co-autoria.	v. 12, n. 0, 2007	Ciência da Informação e co-autoria.
	Uma abordagem transdisciplinar do método "ARS".	v.14, n. 2, 2009	Metodologia de ARS.
	Folksonomias, redes sociais e a formação para o *tagging literacy*: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais.	v. 14, n. 0, 2009	Folksonomias e ambientes virtuais.
Transinformação	Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas.	v. 18, n. 1, 2006	Bibliometria, cartografia temática, pesquisa.
	As redes sociais como instrumento estratégico para a inteligência competitiva.	v. 18, n. 2, 2006	Inteligência competitiva.
Liinc em Revista	As redes têm centros: uma estratégia para migração da cultura pré-digital para a simbiose das redes sociais.	v. 1, n. 2, 2005	Redes sociais na Internet.
	Comunidades em redes sociais na Internet: estudo de caso dos *fotologs* brasileiros.	v. 4, n. 1, 2008	Redes sociais na Internet.

	Democracia virtual no governo da cidade.	v. 4, n.1, 2008	Democracia virtual e planejamento urbano.
	Novas tecnologias: do partido centralizado às redes da sociedade civil e comunidades virtuais.	v. 4, n.1, 2008	Sociedade civil e comunidades virtuais.
Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS	O uso da rede social fragmentada como fonte de referências na prática de *lifestreaming*.	v. 15, n. 2, 2009	Busca da informação na Internet.
Revista Eletrônica de Informação, Inovação e Comunicação em Saúde	Rede e subjetividade na Filosofia francesa contemporânea.	v. 1, n.1, 2007	Fundamentos e teoria.
	Redes de bioética e biotecnologias da reprodução: controvérsias teóricas e metodológicas.	v. 1, n. 2, 2007	Redes científicas na saúde.